

## **Do ensino presencial ao remoto: experiências dos docentes do bacharelado em turismo durante a pandemia**

**Marina Hastenreiter Silva<sup>1</sup>**

**Roberto Soares da Cruz Hastenreiter<sup>2</sup>**

**Mayra Laborda Santos<sup>3</sup>**

**Ivan Conceição Martins da Silva<sup>4</sup>**

### **Resumo**

A imposição de isolamento social decorrente da pandemia da Covid-19 desencadeou a suspensão das aulas presenciais em toda rede pública e privada de ensino no Brasil. Com isso, docentes de instituições privadas de cursos superiores presenciais de turismo se depararam com a realidade de lecionar longe da convencional sala de aula, tendo que transpor o planejamento pedagógico pautado no ensino presencial para o ensino-remoto. Perante essa conjuntura, o objetivo geral desta pesquisa foi investigar as experiências desses docentes devido à implementação do ensino-remoto. Quanto aos procedimentos metodológicos, adotou-se a abordagem qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados entrevistas semiestruturadas *online* com docentes de cursos presenciais de bacharelado em turismo de instituições privadas no estado do Rio de Janeiro (Brasil), no período de 21 a 28 de maio de 2020. A sistematização e análise de dados ocorreu a partir da Análise de Conteúdo categorial-temática, e as categorias foram construídas de forma indutiva a partir dos depoimentos verbais dos entrevistados. Como resultados, identificou-se oito categorias: (1) atitude e interesse; (2) características dos estudantes; (3) política da Instituição de Ensino Superior; (4) ferramentas e recursos tecnológicos; (5) treinamento; (6) capacitação docente; (7) ambiente de trabalho e trabalho de reprodução social; (8) condições físicas e psicológicas. Logo, o ensino-remoto não apenas expôs o problema da desigualdade ao acesso à tecnologia, mas também vários outros problemas que atingem tanto docentes quanto discentes: ambiência para estudos; saúde mental-psicológica; e falta de políticas públicas direcionadas à primeira infância para auxiliar mães e pais docentes (sobretudo, a desigualdade de gênero). Assim, talvez seja necessário (re)pensar se a sociedade acadêmica quer reproduzir a qualquer custo, mesmo em tempos de pandemia, a perspectiva individualista para lidar

<sup>1</sup> Mestre em Turismo. Universidade Federal Fluminense. <http://lattes.cnpq.br/8361500707832248>. [marinahs@id.uff.br](mailto:marinahs@id.uff.br)

<sup>2</sup> Doutor em Ensino de Física. Instituto Federal do Rio de Janeiro. <http://lattes.cnpq.br/7714359088611369>. [roberto.cruz@ifrj.edu.br](mailto:roberto.cruz@ifrj.edu.br)

<sup>3</sup> Mestre em Turismo. Universidade Federal Fluminense. <http://lattes.cnpq.br/0061829196465186>. [mayra\\_laborda@id.uff.br](mailto:mayra_laborda@id.uff.br)

<sup>4</sup> Mestre em Turismo. Tutor da Fundação CECIERJ. <http://lattes.cnpq.br/5557041809054830>. [ivanmartins@id.uff.br](mailto:ivanmartins@id.uff.br)

com essas questões. Ademais, observou-se com esta pesquisa, a necessidade dos docentes terem condições técnicas e capacitação adequada para realizar o ensino de forma remota, uma vez que este carece de uma fundamentação didático-pedagógica para que se tenha qualidade no processo de ensino-aprendizagem. De fato, há muitas questões envolvidas nesse processo de obrigatoriedade do ensino-remoto, que não surgem com a pandemia, mas aumenta significativamente o processo de precarização do trabalho docente. Além disso, a pandemia pode estar sendo um laboratório para acelerar o desmonte do ensino presencial, visando fornecer oportunidades para o empresariado educacional lucrar com fundos de investimento em educação privada superior e à distância. Pondera-se, ademais, que não é possível pensar políticas de educação destituídas de políticas de inclusão digital.

**Palavras-chave:** Covid-19; trabalho docente; ensino remoto; turismo.